



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

NOS RASTROS DA CULTURA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

IN THE TRACES OF CULTURE FROM THE PERSPECTIVE OF CULTURAL STUDIES

Wilson Marques Dias¹
Janete Rosa da Fonseca²

RESUMO

A partir de um olhar cultural, projetando-se para o futuro, podemos analisar o aspecto da resiliência como forma de voltar ao novo e, ao mesmo tempo produzir novas tradições e valores, novos conjuntos de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, dentre outros. A partir deste olhar cultural, o presente artigo visa apresentar, analisar e provocar o leitor a perceber os rastros da cultura na perspectiva dos estudos culturais. Para isso, insere a reflexão acerca da dimensão cultural, que, assim como foi veículo de propagação do vírus da covid-19, será também um viés de combate e de superação de forma resiliente. A tradição cultural será fundamental para o prolongamento de uma reflexão do cotidiano, a partir das experiências adquiridas durante o longo período de isolamento social. Portanto, será a partir de uma cultura tecida na diversidade que iremos encontrar a porta de saída para vislumbrar novos horizontes e traçar novos caminhos, uma vez que é a cultura que norteia as construções da vida social, econômica e política. Através de um método analítico, traz as contribuições de alguns autores para a discussão acerca do tema, como: Stuart Hall, Nestor Canclini, Catherine Walsh, Maria Lúcia Castagna Wortmann, Marisa Vorraber Costa, Maria Elisa Cevasco, dentre outros. A partir dessa discussão e análise, pode-se afirmar que os Estudos Culturais exercem papel preponderante neste contexto, uma vez que a construção humana dependerá da maneira como o indivíduo interpretará a realidade. A resiliência cultural será uma construção decorrente da interpretação crítica dos fatos, para a construção de uma nova realidade, fundamentada em uma visão crítica e sistemática uma construção social.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Estudos Culturais. Resiliência.

¹ Mestrando em Estudos Culturais pela UFMS/CPAQ. Graduado em Filosofia. Graduado em Teologia. Graduado em Pedagogia. Especialização em Educação Especial pela UFMS. Professor de Filosofia para o Ensino Fundamental II e Professor, de Sociologia para o Ensino Médio. E-mail: wilson.marques@ufms.br

² Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da UFMS/CPAQ. Mestre em Estudos Culturais em Educação, Doutora em Educação. Pós-Doutorado em Neurociências e Aprendizagem; Pós-Doutorado em Educação. E-mail: janete.fonseca@ufms.br



ABSTRACT

From a cultural perspective, projecting into the future, we can analyze the aspect of resilience as a way of returning to the new and, at the same time, producing new traditions and values, new sets of behavior patterns, beliefs, knowledge, customs, among others. From this cultural perspective, this article aims to present, analyze and provoke the reader to perceive the traces of culture from the perspective of cultural studies. To this end, it includes reflection on the cultural dimension, which, just as it was a vehicle for the spread of the Covid-19 virus, will also be a means of fighting and overcoming it in a resilient way. Cultural tradition will be fundamental for the continuation of a reflection on everyday life, based on the experiences acquired during the long period of social isolation. Therefore, it will be from a culture woven into diversity that we will find the exit door to glimpse new horizons and chart new paths, since it is culture that guides the constructions of social, economic and political life. Through an analytical method, it brings the contributions of some authors to the discussion on the topic, such as: Stuart Hall, Nestor Canclini, Catherine Walsh, Maria Lúcia Castagna Wortmann, Marisa Vorraber Costa, Maria Elisa Cevasco, among others. From this discussion and analysis, it can be stated that Cultural Studies plays a preponderant role in this context, since human construction will depend on the way in which the individual interprets reality. Cultural resilience will be a construction resulting from the critical interpretation of facts, for the construction of a new reality, based on a critical and systematic vision of social construction.

Keywords: Education. Culture. Cultural Studies. Resilience.

1. INTRODUÇÃO

A palavra “Cultura” é explicada pela sua origem latina, *cultura*, palavra derivada do verbo *colere*, que significa “cuidar”, “criar”, “cultivar”³. Assim, o termo cultura pode ser interpretado como desenvolvimento intelectual, como um sistema de ideias, de conhecimentos e técnicas de padrões de comportamentos e atitudes que caracterizam uma sociedade. A cultura é condição de humanidade, ou seja, é ação criativa que define o ser humano. Sabemos que ninguém vive no mundo sozinho, o ser humano é de caráter social, ele assume a condição humana justamente porque se produz ao produzir o mundo dos seres humanos. Assim, ele produz cultura em seu meio social, e também é condicionado por ela. Segundo HALL (1997), a cultura se encontra no centro de muitas discussões e debates. Suas marcas e manifestações se fazem presentes em todas as dimensões humanas.

³ MICHAELIS: minidicionário escolar da língua português. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000. (pág. 166)



Em um processo dinâmico de construção e reconstrução, da mesma forma que a cultura modifica as pessoas, estas também modificam a cultura. Como é possível perceber no texto de Robert J. Braidwood, cultura é algo móvel e plural, é uma construção social:

“A cultura é duradoura embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. No entanto, a cultura também se modifica conforme mudam as normas e os entendimentos. Quase se pode dizer que a cultura vive nas mentes das pessoas que a possuem. Mas as pessoas não nascem com ela, adquirem-na à medida em que crescem”. (Braidwood, 1988, p. 41)

Nessa dinâmica, novos paradigmas estão surgindo, novas formas de se compreender a realidade e de buscar o conhecimento. Os estudos culturais se debruçam sobre essas novas práticas e costumes cotidianos, que são desempenhados de forma dinâmica e construtiva, apontando novas perspectivas e novos caminhos em um momento o qual não se sabe que rumo tomar.

Alguns autores trazem esta reflexão acerca das práticas culturais e sua importância para este momento de análise. Dialogando com Hall (1997), ele aponta:

O século XX, vem ocorrendo uma "revolução cultural" no sentido substantivo, empírico e material da palavra. Sem sombra de dúvida, o domínio constituído pelas atividades, instituições e práticas culturais expandiu-se para além do conhecido. Ao mesmo tempo, a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna. (Hall, 1997, p. 17)

Como se pode observar, as práticas culturais rompem barreiras, ultrapassaram fronteiras, tornam-se importantes na reorganização do contexto social. A esse respeito, Nestor Canclini (1997) destaca essa hibridez cultural, “as culturas híbridas são geradas ou promovidas pelas novas tecnologias comunicacionais, pela reorganização do público e do privado no espaço urbano e pela desterritorialização dos processos simbólicos”. (Canclini, 1997, p. 29)

Sob a perspectiva dos estudos culturais, faz-se necessário resgatar os valores, uma vez que ser moderno perdeu o sentido neste tempo em que as filosofias pós-modernas desacreditam os movimentos culturais. É tudo muito efêmero, tudo muito híbrido. O que pretendemos é apontar, analisar e refletir sobre algumas das muitas e variadas formas de se falar de cultura, que possibilitam a emergência de se articular os Estudos Culturais e Educação, vislumbrando pedagogias atuantes em uma multiplicidade de espaços, e, sobretudo nos corredores e nos pátios das escolas. Nosso tema de estudo será esta análise dos conceitos e aspectos da cultura na perspectiva dos Estudos Culturais. Vamos percorrer este cenário!



2. A CULTURA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

A cultura está diretamente relacionada às respostas construídas pelos grupos humanos para representar os desafios da existência. Essas respostas são manifestadas em termos de conhecimento, paixão e comportamento, ou seja, são expressas por meio da razão, dos sentimentos e da ação humana. Essa definição é comum à maioria das ciências humanas, sobretudo da Antropologia e da Filosofia, que interpretam e criam significados para as práticas culturais e para as culturas. Como podemos observar no texto de Roberto Damatta, a cultura tem significados que nem sempre estão diretamente relacionados à interpretação científica, mas a partir do senso comum:

Neste sentido, cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como uma arma discriminatória contra algum sexo, alguma idade (“as gerações mais novas são incultas”), etnia (“os pretos não têm cultura”), ou mesmo sociedades inteiras, quando se diz que “os franceses são cultos e civilizados” em oposição aos americanos, que são “ignorantes e grosseiros”. Do mesmo modo, é comum ouvirem-se referências à humanidade, cujos valores seguem tradições diferentes e desconhecidas, como a dos índios, como sendo sociedades que estão “na Idade da Pedra” e se encontram “em estágio cultural muito atrasado!”. A palavra cultura, enquanto categoria de senso comum, ocupa um importante lugar no nosso acervo conceitual, ficando lado a lado de outras, cujo uso na vida cotidiana é também muito comum (Damatta, 1986).

Sob a ótica dos estudos culturais, podemos afirmar que é a partir de uma cultura tecida na diversidade que iremos encontrar a porta de saída para vislumbrar novos horizontes e traçar novos caminhos. A tradição cultural será fundamental para o prolongamento de uma reflexão do cotidiano, a partir das experiências adquiridas durante o longo período de isolamento social. Neste sentido, Alfredo Bosi enfatiza a elucidação dos tipos de cultura para promover a reflexão e a postura diante da nova realidade:

“[...] Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e em uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos costumes materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano, ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna”. (Bosi, 1992).

O mundo social é produzido pelo ser humano na forma de cultura, a diversidade aparece ainda mais ampliada no conjunto de manifestações humanas que caracteriza um grupo social. Neste horizonte, as culturas são múltiplas e híbridas em virtude da infinita capacidade humana de simbolizar, criar e recriar o ambiente no qual ele está inserido. O que caracteriza cada forma



de cultura é a forma de pensar, agir e entender o mundo, assim como os diferentes modos de expressões e as práticas cotidianas desempenhadas pelos grupos sociais.

3. ESTUDOS CULTURAIS, SUJEITOS, LINGUAGENS E ARTICULAÇÕES

O mundo cultural é marcado por tradições e costumes socialmente construídos e com os quais os homens se relacionam desde seu nascimento. Sua linguagem, os comportamentos, os padrões de beleza, as preferências por determinados alimentos, entre outras questões, situações que são definidas pelas práticas culturais, nas quais cada pessoa está inserida. O que vai determinar as práticas culturais de um determinado grupo social é justamente o seu contexto, ou seja, os fatores climáticos, os fatores econômicos. Por isso, o enfrentamento do período pós-pandemia, em que se configuraram os conflitos identitários, será diferente de uma região para outra. Portanto, é a cultura que norteia as construções da vida social, econômica e política. Os estudos culturais se apresentam como forma de articulação entre os sujeitos envolvidos. Neste sentido, Cevasco (2002) diz

O próprio projeto dos estudos culturais pode servir de exemplo: sua forma é a expressão de uma luta por um modo de vida distinto, baseado no princípio da solidariedade. Sua primeira localização institucional – uma organização de esquerda de ensino democrático e de luta por uma cultura em comum – determina sua forma inicial experimentalista e promulga a interação entre instrutores e alunos. (Cevasco, 2003, p. 64)

Os estudos culturais nos apontam ainda que, apesar de a cultura interferir na formação humana e orientar o reconhecimento dos indivíduos como seres sociais e como pessoas, é importante ter em vista que, ainda assim, ela não cria padrões uniformes, ou seja, cada pessoa, apesar de ser influenciada culturalmente, tem a sua vida individualmente como sujeito histórico e lida com as dimensões da vida cultural de forma distinta. Cada indivíduo com seus interesses pessoais.

É sabido que a cultura está voltada para a satisfação das necessidades humanas, fundamentalmente das necessidades básicas que garantam a sua sobrevivência, e mais remotamente, para a satisfação das necessidades da convivência cultural. Do ponto de vista valorativo, não existem culturas inferiores ou superiores. Porém, do ponto de vista do desenvolvimento da realidade, o senso crítico, inegavelmente, é superior ao senso comum. As sociedades que investem no seu desenvolvimento científico e tecnológico, que buscam apossar-se de um saber mais objetivo e verdadeiro, terão maiores meios para resolver os seus problemas sem que que recorrer ao *know-how* de outros povos. (Luckesi; Passos, 1996, p. 47).

A construção humana dependerá da maneira como o indivíduo interpretará a realidade. A resiliência cultural será uma construção decorrente da interpretação crítica dos fatos, para a construção de uma nova realidade, fundamentada em uma visão crítica e sistemática.



Esta análise contextual, a partir dos estudos culturais, será a grande ferramenta para traçar novos horizontes e seguir novos rumos, será um instrumento de ação e de produção.

A maneira como enfrentamos a realidade e o nível de sua aproximação, determinam diferentes níveis de saberes: senso comum, científico e filosófico. O senso comum nem sempre consegue dar o salto do aparente para o oculto. A ciência se apresenta como produto de um relacionamento sistematizado, como um esforço consciente de captação das relações causais. A filosofia, por outro lado, se caracteriza como o esforço consciente para a apreensão do que se encontra oculto sob o objeto. É uma tentativa de descobrir o significado do existir. (Luckesi; Passos, 1996, p. 66).

As mudanças ocorridas, após um período de conflito, não são apenas físicas. Por exemplo, quando nascem, os indivíduos dependem totalmente de outras pessoas. A autonomia é conquistada ao longo do tempo, a partir do desenvolvimento biológico aliado às experiências vivenciadas. Logo, começam a comunicar as necessidades e os desejos, a andar, a escolher o que quer comer, o que vestir, para onde ir, com quem ficar, o que fazer e o que não fazer. Para o filósofo alemão Immanuel Kant, *“a autonomia está diretamente ligada a uma capacidade própria do ser humano, a de autodeterminação”*⁴, ou seja, a capacidade de pensar e agir por si mesmo, ser livre e dotado de Razão. Kant considera que, independentemente da idade, o ser humano está na “menoridade” quando não pensa e não age por si mesmo. A saída dessa “menoridade” só é possível por meio de esclarecimento, um contínuo progresso que ocorre a partir da razão. Embora o indivíduo possa permanecer na “menoridade” por toda a vida, achando mais cômodo submeter-se à determinação dos outros, pode também, a qualquer momento, ousar saber, buscar o conhecimento por meio da educação e assim obter a “maioridade”, tornando-se autônomo.

Inserido dentro de um contexto social e cultural, é preciso pensar os rumos da própria vida, pensar o tempo e a autonomia, conviver com as mudanças que acontecem no decorrer do tempo. Cotidianamente, as impressões acerca do tempo mudam, entretanto, independentemente da percepção, o ser humano existe no tempo e no espaço. Vive-se o presente, no “agora”, como uma ponte que liga o passado ao futuro. A vida é constante movimento e esse movimentar-se justifica o movimento cultural. Nada é permanente, a não ser a mudança. Quando a realidade é observada de maneira metódica e sistemática, será constatado que tudo está em processo contínuo de transformações, ora pequenas e sutis, quase imperceptíveis, ora grande e repentinas.

O contexto de pandemia provocada pela Covid-19 (o novo coronavírus) possibilitou grandes e significativas transformações, de forma repentina, tivemos que nos readaptar e nos

⁴ NODARI, Paulo César; SAUGO, Fernando. **Esclarecimento, educação e autonomia em Kant**. In: Revista Conjectura, v. 16, n. 1, jan./abr. 2011. (p. 133 a 167) Disponível em: <file:///C:/Users/marqu/Downloads/892-3065-1-PB.pdf>, acesso em 09 de abr. 2023.



reinventar. É a dinâmica da vida, que nos insere no horizonte da responsabilidade e da autonomia, e nos faz atingir a “maioridade”. E para que isso ocorra, será necessário reafirmar as pedagogias culturais nos espaços de aprendizagens como forma de superação e construção da subjetividade, alicerçada na pluralidade, na diversidade cultural. Como aponta Paula Deporte de Andrade:

No decorrer dos últimos anos, diferentes pesquisas tanto no campo da cultura como no da pedagogia contribuíram para a ampliação da ideia sobre espaços de aprendizagem. Ao buscar elementos que me permitam analisar a emergência do conceito de pedagogias culturais, me deparei com vários textos que, sem citar este conceito, destacam que uma das principais características do imperativo pedagógico contemporâneo é a existência de relações de ensino e aprendizagem em diferentes espaços sociais regulados pela cultura. (Andrade, 2015, p. 2)

É emergente a articulação entre Estudos Culturais e Educação. Os espaços de aprendizagens, ou seja, a escola, são espaços culturais. É na escola que a multiplicidade cultural se revela, se articula e se conflita. A escola é o espaço onde as principais transformações acontecem. Neste espaço, os marcadores sociais da diferença (como classe, gênero e raça) se revelam e se conflitam de forma mais acentuada. Acerca dessa mediação, Ferreras (1999) aponta:

Nesta procura de uma mediação possível, Thompson achou na experiência a solução prática para analisar comportamentos, condutas e costumes na sua relação com a cultura – na realidade com culturas específicas – com conteúdo de classe, histórica e geograficamente datados, [...] A experiência aparece recorrentemente na sua obra, denotando tempo e, portanto, dando à classe uma dimensão histórica. (Ferreras, 1999, p. 311)

No que se refere à dimensão histórica, a cultura sempre foi objeto de estudos das Ciências Humanas e Sociais, no entanto, nem sempre foi uma tarefa muito fácil, “a articulação da Educação com os EC tem sido realizada com certa cautela, não estando imune a críticas.” (Wortmann; Costa; Silveira, 2015, p. 34). Entretanto, no contexto pós-pandemia, essas críticas tendem a diminuir, porque a partir de então, não há possibilidade de desvincular os Estudos Culturais do campo da Educação. A compreensão do aspecto cultural tem apresentado contribuições importantíssimas no cotidiano educacional. Como nos afirma Wortmann; Costa; Silveira, (2015): “É nessa trajetória de debates sobre as relações entre cultura e pedagogia que os Estudos Culturais inauguram um espaço discursivo de grande repercussão”. (Wortmann; Costa; Silveira, 2015, p. 37) E ainda a este respeito, dialogando com Giroux (1995), ele diz que “a pedagogia não está reduzida ao domínio de habilidades ou técnicas”, isto é, vai muito mais além. A cultura está no centro de tantas discussões e debates no presente momento justamente porque é a pedagogia que faz esta articulação entre os vários processos, ela não está desassociada da cultura.



Neste sentido, Catherine Walsh (2016) nos afirma que outras culturas são possíveis. A pedagogia não pode estar reduzida apenas ao fazer pedagógico, mas provocar, construir, avançar. Ela afirma:

Entendo a pedagogia não no sentido da educação formal, como uma professora que transmite ou comunica conhecimentos, mas como uma facilitadora, como alguém que se esforça em provocar, construir, gerar e avançar com outros questionamentos críticos, compreensões, conhecimentos e atuações, maneiras de pensar e de fazer. (Walsh, 2016, p. 65 e 66).

E ainda a este respeito, Giroux (1995) diz:

Os Estudos Culturais também rejeitam a noção da pedagogia como uma técnica ou um conjunto de habilidades neutras, argumentando que a pedagogia é uma prática cultural que só pode ser compreendida através de questões sobre história, política, poder e cultura. (Giroux, 1995, p. 85).

A partir desta análise e provocações dos autores, podemos dizer que há uma conexão muito forte entre os Estudos Culturais e a Educação, assim como entre a pedagogia e a cultura. No contexto do mundo contemporâneo, não é mais possível desassociar ou desarticular uma da outra. Sobre a importância dos Estudos Culturais na Educação, Andrade e Costa (2017) nos diz:

Os Estudos Culturais oferecem uma teorização importante aos educadores, já que aportam elementos tanto para analisar a produção histórica, econômica e cultural de representações e desejos que os jovens contemporâneos absorvem, especialmente pela mídia, quanto para repensar a relação entre poder, cultura, aprendizagem e o papel dos docentes como 'intelectuais públicos'. (Andrade e Costa, 2017, p. 9).

As autoras nos mostram o quanto os Estudos Culturais são importantes para a educação e a pedagogia. Não se pode pensar a educação e os espaços pedagógicos sem considerar os Estudos Culturais, pois é através deste campo que será possível vislumbrar os rastros da cultura que se manifestam no espaço escolar. Neste interin, é preciso reconhecer a importância da produção dos estudos culturais e o que ela provoca, para a análise da cultura em um determinado contexto, “reconhecer como um campo de embates de ideias que fornecem novas respostas a questões sociais e políticas, temas envolvendo poder, identidade e representação entram em cena”. Andrade e Costa (2017, p. 9).

Prosseguindo em nosso intento de rastrear a cultura a partir dos estudos culturais, a decolonialidade, embora não seja o foco de nossa pesquisa, aparece neste contexto como um processo dinâmico em construção, um fazer-se e refazer-se, um processo de luta, para a possibilidade de um modo-outro de vida. O aspecto cultural está intimamente atrelado às identidades, e são esses sujeitos que fazem a pedagogia da decolonialidade acontecer.

O decolonial não vem de cima, mas de baixo, das margens e das fronteiras, das pessoas, das comunidades, dos movimentos, dos coletivos que desafiam, interrompem e transgridem as matrizes do poder colonial em suas práticas de ser, atuação, existência, criação e pensamento. (Walsh, 2016, p. 72).



As “brechas”, segundo Walsh (2016), são possibilidades de caminhos, de superação, e não são pontos de chegada, mas pontos de partida. Em busca da transformação cultural, do reconhecimento da diversidade, proteção e garantia dos direitos fundamentais, e, sobretudo, de políticas públicas decoloniais de desenvolvimento.

No mundo contemporâneo, a decolonialidade se apresenta como um ato de resistência e desconstrução de padrões, conceitos e perspectivas impostas, e neste campo, o aspecto cultural não está preso, engessado. Ele possibilita a emergência de novas identidades, novos sujeitos, onde a pedagogia articula a educação e os estudos culturais. Sendo assim, os Estudos Culturais não se diferem da decolonialidade, somos desafiados a construir novos saberes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso itinerário até aqui, nos fez ampliar o campo de visão e reflexão acerca da importância de se articular e integrar os Estudos Culturais à Educação. A história da humanidade sempre foi marcada por grandes desafios, que ficaram para a história, e esta articulação e integração não será uma tarefa muito fácil. Entretanto, como ela está diante de nós, também não será muito difícil, uma vez que estamos inseridos no contexto, vivenciando tudo acontecendo diante dos nossos olhos, pois é de lá dos corredores e do pátio da escola que estamos gritando.

Juntamente com esses grandes desafios, marcaram também os atos históricos de superação, ou seja, sempre houve a busca por uma porta de saída frente aos desafios que surgiam ao longo de nossa existência. Isso significa dizer que a humanidade, inserida dentro de um contexto social, não está imune ao surgimento de novos desafios sociais e, sobretudo, de interpretação e análise. São múltiplas visões, por isso, a busca pelo conhecimento é constante. É a dinâmica da resiliência, que nos insere no horizonte da busca pelo conhecimento e da readaptação àquilo que é sempre novo, e os Estudos Culturais faz parte deste processo.

Assim, podemos dizer que a busca pelo conhecimento desta nova realidade, deve despertar para uma visão crítica, não se pode contentar apenas com as primeiras impressões, mas é preciso ir à busca daquilo que é essencial, aquilo que faz parte de nós, nossa cultura. O conhecimento humano não se revela de imediato para nós, ele precisa ser buscado, e essa busca deve ser constante. Tudo o que existe se mostra aos sentidos, mas a verdade das coisas só aparece a quem busca conhecê-la. Por isso, o grande filósofo grego, Sócrates, afirmou: “*só sei*



que nada sei, e por isso, tenho que buscar a verdade”⁵. A busca pelo conhecimento não pode ser usada como instrumento de dominação e manutenção do poder. Portanto, desconfie das aparências, busque as essências, porque nossos olhos, muitas vezes, nos traem. Busquemos a decolonialidade do saber, do ser e do poder.

Por fim, estamos vivendo hoje em tempos de mudanças significativas, nada será como antes. É preciso se pôr a caminho, porque é somente caminhando que o caminho se faz, e a Educação exerce papel fundamental neste contexto, pois é ela que vai transformar e construir em “novo normal”. É preciso saber, e para saber é preciso fazer acontecer. Como nos impulsiona a letra da canção “Para não dizer que não falei das flores” escrita por Geraldo Vandré e interpretada por ele mesmo: “*vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer*”⁶. Esperamos que os Estudos Culturais nos ajude na promoção da qualidade e equidade tão necessária em nossa sociedade, o que não é uma tarefa muito fácil, mas será oportuno colocar em prática todo conhecimento adquirido e experiências vividas. Para isso, será necessário também coragem, determinação, persistência e, sobretudo, resiliência. É tempo de deixar de ser o que não somos, é tempo de desconstruir para construir.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Paula Deporte de. Costa, Marisa Vorraber. **Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: Invenção, disseminação e uso.** Educação em Revista|Belo Horizonte, n.33, 2017.

Apologia de Sócrates. Tradução de Maria Lacerda de Souza. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/270801/mod_resource/content/1/platao%20apologia%20de%20socrates.pdf. Acesso em: 08 de abril 2023.

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais: as condições teóricas que possibilitaram a emergência do conceito.** 6º SBECE e 3º SIECE- Educação, transgressões e narcisismo. Anais eletrônicos Bianual, 2015, ISSN 2446-810X, Canoas, RS, Brasil. <http://www.2015.sbece.com.br/site/anaiscomplementares> Acesso em: 09 abril 2023

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br> >. Acesso em: 08 de abril 2023.

⁵ **Apologia de Sócrates.** Tradução de Maria Lacerda de Souza. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/270801/mod_resource/content/1/platao%20apologia%20de%20socrates.pdf, acesso em 08 de abr. 2023.

⁶ VANDRÉ, Geraldo. *Pra não dizer que não falei das flores*”. Intérprete: Geraldo Vandré. Joinville: Gravadora Som Maior, 1979. Faixa 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KdvsXn8oVPY>, acesso em 09 de abr. 2023.



BRAIDWOOD, Robert J. *Homens pré-históricos*. 2ª edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Você tem cultura?* In: DAMATTA, R. Explorações: Ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco; 1986. Disponível em: <https://www.mesalva.com/enem-e-vestibulares/materias/ciencias-humanas-e-suas-tecnologias/sociologia/completo/cultura/clid-cultura-e-identidade/clid01>. Acesso em: 08 de abril 2023.

FERRERAS, Norberto Osvaldo. Culturalismo e experiência: leitura dos debates em torno da obra de E. P. Thompson. **Revista Diálogos**. Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, vol. 3, n.º 3, 1999.

GIROUX, Henry. A. **Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Vozes, RJ. 1995.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, Jul./dez, 1997, V. 22 n.º2, p.15-46

LUCKESI, Cipriano Carlos; PASSOS, Elizete Silva. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

MICHAELIS: minidicionário escolar da língua português. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

NODARI, Paulo César; SAUGO, Fernando. **Esclarecimento, educação e autonomia em Kant**. In: *Revista Conjectura*, v. 16, n. 1, jan./abr. 2011. (p. 133 a 167) Disponível em: <file:///C:/Users/marqu/Downloads/892-3065-1-PB.pdf>. Acesso em: 09 de abril 2023.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**. Intérprete: Geraldo Vandré. Joinville: Gravadora Som Maior, 1979. Faixa 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KdvsXn8oVPY>. Acesso em: 09 de abril 2023.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Cristina Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil**. *Revista Educação (PUCRS. Online)*, v. 32, p. 32-48, 2015. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/1844> Acesso em: 09 abr. 2023.

WALSH, Catherine. **Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais**. In: Candau, Vera Maria (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. (p. 64-75).